

FALOMAQUIA: HOMENS NEGROS E BRANCOS E A LUTA PELO PRESTÍGIO DA MASCULINIDADE EM UMA SOCIEDADE DO OCIDENTE¹

Data de aceite: 01/12/2023

Rolf Malungo de Souza

Antropólogo, professor do Departamento de Ciências Humanas do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua/RJ. Pesquisa gênero masculino desde 1998, tendo publicado livros e vários artigos o sobre o tema.

Agradeço a pedagoga Cristhiane Albuquerque por sua crítica e sugestões.

As décadas de 1960 e 1970 ficaram marcadas pelas lutas de mulheres, gays e negros contra as discriminações que sofriam, no sentido de questionar o poder masculino, branco e heterossexual. Estes movimentos sociais fizeram com que a categoria gênero se tornasse tão importante na análise social, quanto às categorias classe e etnia. Neste contexto de efervescência política e contestações sobre poder, identidade e gênero, surgem

- às primeiras indagações acadêmicas acerca da masculinidade - as primeiras publicações que trouxeram novas discussões sobre masculinidade. Essas reflexões mostraram que, nas sociedades urbanas ocidentais, a masculinidade é uma experiência coletiva, em que um homem busca reconhecimento através de práticas com as quais conquistará visibilidade e status social perante seu grupo. As práticas sociais masculinas podem mudar, de acordo com a sociedade, ou mesmo dentro de uma mesma sociedade, pois a masculinidade é passível de variação, conforme a região, classe, origem étnica, religião etc. Essas variáveis afirmam o fato de que o gênero masculino, assim como o feminino, não é determinação biológica, mas, como qualquer identidade humana, a masculinidade não é essencializada ou universal (Souza, 2009).

Estes estudos trouxeram, pelo menos, duas novidades na análise da construção social da masculinidade. Uma delas é que em todas as sociedades

¹ Este texto foi publicado originalmente na revista 'Antropolítica', da UFF

estudadas, há uma masculinidade socialmente valorizada e uma exigência para que esta seja desempenhada pelos homens. Esta masculinidade desejada é que estrutura as relações de poder, sendo ela o que alguns pesquisadores chamam de masculinidade hegemônica (Connell, 1995; Kimmel, 1998). Nas sociedades ocidentais, em especial as que tiveram a experiência colonial, a masculinidade hegemônica² é branca, heterossexual e burguesa. A outra novidade é que, embora os homens possuam vantagens sociais por sua condição de gênero, eles não compartilham destas vantagens uniformemente, já que há assimetria baseada na classe, raça /etnia, religião e, obviamente, orientação.

Uma maneira de se compreender essa masculinidade ocidental é investigar a construção social do seu “outro” fundamental: a masculinidade negra.³ Os homens que fazem parte das minorias sexuais e étnicas são os principais grupos marginalizados pela masculinidade hegemônica⁴, na medida em que estão, simbolicamente, mais distantes dos padrões criados e mantidos pelo grupo dominante, pois a marginalização é sempre relativa ao poder do grupo dominante. Nesse sentido, “as relações raciais também podem se tornar parte integrante da dinâmica entre masculinidades” (Connell, 1995: 80)⁵.

Ao mesmo tempo que, para o ocidente, os homens negros se tornaram motivo de desconfiança e temor, sua sexualidade tornou-se o ponto de referência das interações estabelecidas entre homens negros e brancos (Friedman, 2002: 98). Sobre isso, a masculinidade negra passou a representar uma ameaça ao homem branco, passou a ser “o profundo medo cultural do negro figurado no temor psíquico da sexualidade ocidental” (Bhabha, 2003: 71). Assim, “o corpo negro africano foi dissecado por anatomistas brancos, sua inteligência aferida por educadores e a existência de sua alma discutida por filósofos e teólogos brancos” (Friedman, 2002), procurando demonstrar que os homens negros eram inferiores e, paradoxalmente, esta inferioridade seria, ao mesmo tempo, uma ameaça para o homem branco, ao que o havia de mais valioso nesse contexto social, que é a mulher branca. Ela, por possuir o ventre que dá braços saudáveis à nação, não poderia ficar à mercê dos homens negros, pois as mulheres brancas se contaminariam com impureza africana, além disso, ela poderia desejar (e pior, gostar) desses homens que não estão mais em um continente misterioso e distante, mas, em consequência do tráfico escravagista, eles agora estão nas lavouras, nas fábricas, nos quintais e, em alguns casos, no interior das casas.

Uma das soluções para tentar manter os homens negros longe das mulheres brancas, nos Estados Unidos, foi a criação da Ku Klux Klan no final da Guerra Civil Americana (1861-1865). Suas vigílias noturnas tinham saídas noturnas tinham como principal objetivo caçar

2 Uma observação importante é que essa masculinidade hegemônica não é fixa, ela é dinâmica e deve ser compreendida no seu contexto, onde ela é desempenhada. Para uma discussão sobre a compreensão da masculinidade hegemônica no seu contexto ver Connell, 1995 e Souza, 2010.

3 Outra masculinidade, importante para a compreensão masculinidade no Ocidente, é a masculinidade homossexual, com toda a problemática que a categoria *homossexualidade* tem como categoria analítica.

4 Obviamente, a classe é importante, porém os homens brancos heterossexuais pobres podem formar alianças com os grupos hegemônicos mais facilmente.

5 “Race relations may also become an integral part of dynamic between masculinities” (Connell, 1995: 80).

e eliminar casais inter-raciais. Quando eram descobertos, invariavelmente, os homens negros eram linchados e/ou enforcados e, não raro, eram castrados (Friedman, 2002). O medo dos homens negros não foi, contudo, uma exclusividade da sociedade norte-americana.

No Brasil, também havia um grande temor com a aproximação da inevitável abolição da escravidão; a libertação dos escravos despejaria uma horda de homens semibárbaros na sociedade (Azevedo, 1987: 68) e, com a Proclamação da República, a elite política e econômica brasileira via os africanos e seus descendentes como obstáculos à construção do Brasil como nação moderna.

A solução imaginada por essa elite, influenciada pelas teses científicas do darwinismo social e pela eugenia, foi promover o branqueamento da população, através da imigração de europeus. Para isso, o Estado Brasileiro incentivou a imigração europeia, com financiamento das passagens e promessas de terras para os que quisessem se estabelecer por aqui. Com esta política pública de 1890 a 1920, entraram aproximadamente 3,99 milhões de imigrantes europeus em cerca de quarenta anos. Para que se tenha uma ideia, para o Brasil, ao longo de três séculos, foram trazidos para ser escravizados cerca de quatro milhões de africanos (Bento, 2002: 32).

Com respeito à entrada dos homens brancos no Brasil, a missão desses imigrantes ia para além da mera substituição da mão de obra de origem africana, mas era fundamentalmente depurar, melhorar a população brasileira, através da miscigenação do seu sangue branco. Em poucas palavras: era civilizadora. Por isso, a miscigenação, celebrada pela elite tupiniquim, foi a solução final para superar o atraso que os africanos causaram ao Brasil com o tráfico escravagista. Esta solução levou o diretor do Museu Nacional, João Batista de Lacerda, a apresentar *o ideal de branqueamento* em seu relatório como sendo a solução do *problema* sangue africano no Brasil, no *I Congresso Universal de Raças*, em Londres, no ano de 1911. Ele afirma com otimismo que

(...) no Brasil já se viram filhos de méfis apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres físicos da raça branca (...). Alguns retêm uns poucos traços da sua ascendência negra por influência do atavismo (...) mas a influência da seleção sexual (...) tende a neutralizar a do atavismo, e remover dos descendentes dos méfis todos os traços da raça negra (...). Em virtude desse processo de redução étnica, é lógico esperar que no curso de mais um século os méfis tenham desaparecido do Brasil. Isso coincidirá com a extinção paralela da raça negra em nosso meio (Skidmore, 1976: 83).

Nos cálculos do senhor João Batista de Lacerda, todos os negros desapareceriam do Brasil pela miscigenação, pois o sangue “superior” do europeu superaria o sangue “inferior” dos africanos e seus descendentes até o final do século XX. Se o ilustre doutor estivesse vivo talvez não gostasse de saber que no último censo, pela primeira vez no Brasil, os brancos não eram mais a maioria étnica por aqui.

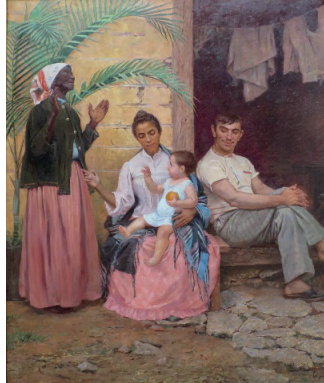
Para os intelectuais eugenistas do fim do século XIX, a miscigenação é apresentada ao mundo como uma solução para o “problema” brasileiro e foi idealizada através do casamento do homem branco com a mulher negra, excluindo, desta forma, o homem negro, assim,

(...) a mistura racial no país é orgulhosamente apresentada para o mundo, esta miscigenação, aceita de forma exaltada, foi construída sob uma exclusão ideológica: a do homem negro. A estratégia atrás da imagem (...) foi precisamente tornar inconcebível que o mulato brasileiro teria mãe branca e pai negro (Carvalho, 1996:4)⁶

Para eles, os homens brancos europeus chegariam ao Brasil com o caminho aberto para as mulheres de terras tupiniquins que, segundo eles, tinham predileções por brancos, por serem superiores. Esta crença é muito bem retratada na Literatura do século XIX, este foi o motivo para Bertoleza se submeter ao desprezo que seu amante, o português João Romão, casal descrito na obra prima de Aluizio de Azevedo “O cortiço”, publicado em 1890. Este *ideal de branqueamento* não foi descrito, apenas, nas páginas dos livros daquela época. No quadro *A Redenção de Cam*, pintado por Modesto Brocos, também levanta-se essa questão, sendo essa pintura feita cinco anos após a publicação desse livro de grande sucesso editorial. O nome desta obra faz referência à maldição que Noé proferiu sobre seu filho Cam, fazendo dele escravo de seus irmãos, conforme o capítulo 10 do livro de Gênesis, conhecido como “A tábua das nações”. Algumas interpretações racistas dizem que esta maldição teria se estendido a todos os africanos e seus descendentes até os dias de hoje, justificando sua escravização.

Na tela de Brocos, vemos uma senhora negra com as mãos voltadas para o alto, como que agradecendo a Deus, e ao seu lado, sua filha de pele mais clara, fruto de uma primeira miscigenação. Vemos também em seu colo uma criança, cuja cor da pele traria a marca da redenção tão sonhada pela elite brasileira: o filho branco da relação miscigenada. Sentado próximo às mulheres e a criança, está um homem branco, com um leve sorriso no rosto, sendo ele responsável por esta redenção. Este homem branco encarna a *mission civilizatrice* promovida pelo imigrante europeu, agente criador da nova raça brasileira, com apoio e financiamento do Estado Brasileiro.

6 The racial mixture the country proudly presented to the world – i.e., the accepted and praised form miscegenation – was built under on ideological exclusion: that of black man. The strategy behind the images (...) was precisely to make it inconceivable that Brazilian mulato would have mother white and black father. Tradução livre.



A redenção de Cam

No mesmo espírito da época, “O cortiço” fala dos primeiros momentos do processo de urbanização que transformaria a cidade do Rio de Janeiro, apagando simbólica e concretamente o passado colonial e escravagista, e as relações tensas entre brasileiros e portugueses. Estas relações são descritas com a linguagem da escola Naturalista, na qual a raça e o meio são vistos como as variáveis fundamentais para se compreender a história humana e explicar suas hierarquias, ou seja, a suposta superioridade dos caucasianos sobre os outros grupos. Nesse livro é possível perceber que as interações entre os homens negros e brancos não eram das mais amistosas, em especial, quando havia disputa por mulheres, em uma época em que o número de mulheres, de qualquer cor, era menor que a de homens.⁷ Com isso, os homens negros se tornaram um obstáculo ao projeto de embranquecimento da nação, sonhado pela elite nacional. Eles eram o obstáculo que teria que ser removido e, para isso, se construiu um aparato eficaz que ecoa até hoje em vários segmentos de nossa sociedade. As representações de homens negros e brancos fazem com que estes dois grupos se coloquem em posição antagônica pela disputa pelo prestígio da masculinidade. Cabe lembrar que as interações entre homens, de qualquer grupo étnico são marcadas pela disputa entre homens de origem africana e europeia que têm características próprias, subjazendo, neste pugilato, todos os mitos criados em torno do pênis do homem africano, a sombra que o homem branco criou e que se voltou sobre ele mesmo, pois existia um “*profundo medo cultural do negro figurado no temor psíquico da sexualidade ocidental*” (Bhabha, 2003:71). Esta disputa (maquia) pelo poder (phallus) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos é o que eu chamo de *falomaquia* (Souza, 2010). Esta luta, às vezes, tem caráter de uma verdadeira titanomaquia, mas na maioria é um verdadeiro massacre. O livro “O cortiço” é, para mim, paradigmático na compreensão desta falomaquia, pois ele traz as principais representações dos homens negros e brancos. Passamos, portanto, à análise do livro.

7 Homens foram maioria da população brasileira até a década de 1930, somente a partir de 1940 as mulheres tornaram-se maioria. Isso porque, devido ao tráfico escravagista, os homens eram maioria entre os que chegavam com vida ao Brasil e vinda de imigrantes europeus (Alves, 2012).

Nele, há um triângulo amoroso formado por Firmo, negro capoeirista, namorado da mulata Rita Baiana e Jerônimo, português que encarna o ideal do imigrante trabalhador, rival de Firmo. Nos corpos dos personagens estão inscritos os lugares sociais dos descendentes de africanos e brancos europeus. Azevedo antecipa todos os estereótipos da *mulata assanhada* que, mais tarde, será cantada em prosa e verso. Rita Baiana é descrita com um estilo que antecipa também uma escrita *freyreana*: Ela “*respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano*” (Azevedo, 2004: 61).

Jerônimo é descrito magnanimamente, encarnando o ideal do homem branco como máquina civilizadora (Moura, 2004) que redimiria a nação. Nas palavras de Aluísio Azevedo ele é

[portador de um] zelo e habilidade o que o pôs assim para a frente; duas outras coisas contribuíram muito para isso: a força de touro que o tornava respeitado e temido por todo o pessoal dos trabalhadores, como ainda, e, talvez, principalmente, a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes. (Idem, 46).

Já Firmo, por sua vez, é antípoda da altivez do homem branco europeu, sua descrição o assemelha a um garoto, um moleque que almeja ser homem adulto, ele é

(...) um mulato pachola⁸, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio⁹ de marca, pernóstico, só de maçadas e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira, teria uns trinta e poucos anos, mas não parecia ter mais de vinte e poucos, parecia menino. Pernas e braços fños, pescoço estreito, porém forte; não tinha músculos, tinha nervos. A respeito de barba, nada mais que um bigodinho crespo, petulante (Ibidem 66).

Jerônimo, um dos principais personagens da trama, vive do trabalho duro nas pedreiras, enquanto Firmo vive de expedientes, afilhado de políticos para quem realizava serviços, além de gostar de jogos de azar. A certa altura da trama, Firmo e Jerônimo entram em confronto direto pelo amor de Rita Baiana. Para eliminar o rival, Jerônimo reúne alguns amigos e faz uma emboscada para matar Firmo. Após eliminar fisicamente seu rival, ele abandona sua esposa e vai viver com Rita Baiana.

A morte de Firmo se assemelha a de outro personagem negro de Aluísio Azevedo: Raimundo, personagem principal do livro *O Mulato* (1881). Ele, que apesar de ter estudado na Europa, não consegue escapar do destino que a cor da sua pele lhe reservava. Ao se interessar por uma mulher branca que também era desejada por outro homem branco, Raimundo é assassinado por Luis Dias, seu rival. Um homem negro que fica no caminho do homem branco, no caminho da sua missão civilizadora, precisa ser desencorajado, e se necessário, eliminado fisicamente.

8 Indivíduo pedante, cheio de si. Indivíduo de elegância duvidosa, pretensiosamente apurado no trajar. Dicionário Aurélio século XXI, versão 3.0.

9 Impostor, trapaceiro (idem).

Embora atualmente tenhamos outras representações que desqualificam a masculinidade negra, essas representações ainda ecoam até os dias de hoje; entretanto, não é somente na literatura que a masculinidade negra é apontada como uma masculinidade falha. Nesse sentido, o sociólogo Gilberto Freyre, em seus livros mais conhecidos, “*Casa Grande & Senzala*” e “*Sobrados e Mucambos*”, que se transformaram em uma espécie de *vade mecum* da ideologia do embranquecimento do século XX, descreve o homens negros, com atributos que os emasculam. Para Freyre, o homem negro seria *alegre, fácil, colaborador do branco, passivo, coletivista* (Bocayuva, 2001: 123-124). Por outro lado, o homem branco é descrito como *extremamente viril, predicado que não compartilha nem com índios, nem com negros – esta virilidade seria atributo do português, repassada ao brasileiro* (Idem: 101-103). É fácil inferir que, para Gilberto Freyre, o brasileiro, aquele que recebeu os atributos viris, não é o homem negro, nem o indígena, mas o branco, nascido no Brasil.

Raewyn Connell (1995) nos demonstra que uma das formas de um grupo de homens se estabelecerem como hegemônica é desqualificando as outras, criando e reproduzindo estereótipos que as apontam como referências negativas de masculinidades, para que os homens pobres, negros e homossexuais, tornem-se contraponto para que o ideal branco, heterossexual e burguês seja colocado como referência de masculinidade positiva nas sociedades ocidentais. Nesse sentido, a força do estereótipo está exatamente no fato de se legitimar, pela maior capacidade de persuasão do grupo hegemônico que se impõe, transformando sua ideologia em verdade universal. Deste modo, representações da masculinidade negra como perigosa, são repetidas *ad nauseam* nos meios de comunicação, em especial, nos noticiários policiais e telenovelas. Vejamos alguns exemplos em duas telenovelas de muito sucesso, veiculadas pela Rede Globo, a emissora com a maior audiência do país: *Senhora do Destino*, de Aguinaldo Silva e *Da Cor do Pecado*, de João Emanuel Carneiro, ambas produzidas e exibidas em 2004. Sobre as duas novelas, mais de cem anos após seu lançamento, os personagens de *O Cortiço* se fazem presente no imaginário dos autores dos folhetins eletrônicos que reproduzem estruturas similares dos principais protagonistas desse livro.

Em *Senhora do Destino*¹⁰ há um triângulo amoroso composto por Rita, também mulata e baiana como a Rita do romance de Aluísio Azevedo. Ela é descrita como “*Mulata e bonita, é muito maltratada pela vida e tem dois problemas: o marido, atualmente preso, que exige dela ‘qualquer sacrifício’ para tirá-lo da prisão e o alcoolismo*”. Essa personagem é casada com Cigano, um homem negro descrito como sendo um *marginal de péssimo caráter, (...) casado com Rita a quem tiraniza, exigindo sustento. Covarde e medroso, ele só cresce diante da família, que mantém aterrorizada*. Por fim, Constantino, um branco português, “*O último português a imigrar para o Brasil, [que] resolveu permanecer no país,*

10 Todas as informações sobre estas novelas e seus personagens têm como fonte a página da Rede Globo <<http://redeglobo.globo.com/Senhoradodestino/0,23167,3545,00.html>>

trabalhar muito e só voltar para Portugal depois que 'se desse bem'". Na trama, Cigano, depois de uma série de atos que demonstram o quanto era mau pai e marido, cai em uma emboscada feita por uma mulher branca que o mata, deixando o caminho livre para que Constantino se case com Rita, assumindo e valorizando sua família.

Já na novela *A Cor do Pecado*¹¹ há, mais uma vez, um triângulo amoroso um pouco mais complexo, quase um quadrado, composto por Preta (negra), jovem mulher maranhense de bom caráter, bem humorada e romântica, criada pela mãe, dona Lita e nunca conheceu o pai; seu namorado Dodô (negro) é vocalista de uma banda de reggae em São Luís, mulhengo, de caráter duvidoso. No decorrer da trama, Dodô se transforma em um dos principais vilões; Preta desperta interesse em Paco (branco), que é descrito como uma pessoa idealista capaz de abrir mão de sua fortuna para viver uma vida honesta. Os dois dão início a um romance e têm um filho, porém, Paco sofre um acidente e é dado como morto. Essa viuvez fez com que Felipe, negro, bom moço, advogado e trabalhador, melhor amigo de Paco, após a suposta morte do amigo se apaixonasse por Preta e iniciasse um romance. Depois de algumas idas e vindas da trama, Paco volta à cena se reaproximando de Preta; com o retorno do amigo, Felipe sai da disputa, continuando a antiga amizade, sendo assim, "poupado". Entretanto, Dodô insiste em ter Preta de volta, desafiando Paco, ficando, assim, entre o homem branco e seu objeto de desejo, o que resulta na sua morte violenta. Embora as tramas variem, os lugares sociais dos personagens e os desfechos das tramas são os mesmos das duas telenovelas, assim, como no livro *O Cortiço*: os homens negros são obstáculos ao projeto hegemônico da masculinidade branca que devem ser afastados, seja pela submissão, seja pelo extermínio. Se levarmos em consideração que as telenovelas são o principal entretenimento das camadas populares no Brasil, pode-se imaginar a capacidade de inculcar valores e padrões dos grupos hegemônicos e, mesmo sabendo que os telespectadores não são passivos diante da TV, a capacidade de atração e sedução é muito grande para ser desprezado.

Vejamos estes triângulos de forma mais esquemática, onde as hierarquias são representadas:



11 Idem < <http://redeglobo.globo.com/Dacordopecado/0,18529,3255,00.html>>

Sobre as perspectivas ora apresentadas, podemos afirmar que a falomaquia não se restringe ao mundo ficcional. Isso porque, os mitos criados em torno do homem negro e sua sexualidade assombram alguns homens brancos, estabelecendo, assim, uma relação tensa de contraste com o homem negro (Connell, 1995:75), sendo o principal rival na disputa pelas mulheres brancas e negras. Este posição/situação faz com que os homens negros e brancos estejam em contínua falomaquia. O medo do homem negro em torno da sua sexualidade e os mitos sobre seu pênis são parte, talvez fundamental, das interações entre homens negros e brancos. A edição da revista *Black People*, publicada em setembro de 1990, traz uma matéria de capa sobre o homem negro no Brasil e os mitos racistas em torno deles; nela, há debates e entrevistas sobre estas representações, entre eles, o tamanho do pênis e a irresistível atração que os homens negros exercem sobre as mulheres brancas, em especial as loiras, e vice-versa. Essas mulheres, quando foram ouvidas, diziam que quando se relacionavam com homens brancos, evitavam ou mesmo negavam ter se relacionado com homens negros, pois quando eles sabiam passavam a se comparar com o antigo namorado, transformando o seu corpo em um campo de batalha entre dois homens que, às vezes, nem sequer se conheciam.

As interações entre homens negros e brancos são marcadas pela disputa pelo prestígio da masculinidade, com isso, os portadores da masculinidade hegemônica no Ocidente, os homens brancos, utilizam meios institucionais para oprimir as outras masculinidades, em especial a masculinidade negra.¹² Nas prisões norte-americanas os descendentes de africanos constituem cerca de um milhão do total de 2,3 milhões de população carcerária, sendo quase seis vezes mais que os brancos.¹³ Também no Brasil, os números não são muito animadores, 60% da população carcerária é composta por negros, os brancos são 37%.¹⁴ Os homens negros não vão somente em maior número para as penitenciárias, como morrem de forma violenta em maior número que os homens brancos. Entre os anos de 2002 e 2011 morreram 50.903 jovens brancos e 122.570 jovens negros por Causas Violentas¹⁵, isto significa uma diferença de quase 150% entre os dois grupos (Waiselfisz, 2013). Quanto a isso, taxas de mortes de jovens negros são iguais as taxas de homens de todas as faixas etárias de países que estão em guerra civil e demonstrando que, no Brasil, ser do gênero masculino, negro e estar na faixa etária entre 14 e 25 anos é fazer parte de um grupo de risco.

Os homens negros são motivo de preocupação dos órgãos de segurança pública dentro e fora das penitenciárias, em 1998, quando os altos índices de criminalidade na

12 Sabemos que, em vários países há leis severas contra homens homossexuais, que vão desde privação da liberdade até a morte. Entre os meios institucionais opressivos, incluem também as leis que dificultam ou inviabilizam as uniões formais, casamentos e/ou adoção de crianças para uniões homoafetivas.

13 Fonte: Criminal justice fact sheet. Incarceration Trends in America. Site da NAACP: <<http://www.naacp.org/pages/criminal-justice-fact-sheet>>

14 Fonte: Departamento Penitenciário Nacional – Sistema Integrado de Informação Penitenciária (Infopen) do Ministério da Justiça.

15 Causas Violentas são as mortes causadas por acidentes de transporte, homicídios e suicídios (Waiselfisz, 2013: 9)

cidade do Rio de Janeiro colocou em xeque a capacidade das forças de segurança estaduais para conter a violência que tanto assustava a população, os debates veiculados pela mídia levantavam a possibilidade de intervenção das Forças Armadas para se combater a criminalidade; assim, inspirada por estes debates, o jornal O Dia publicou uma reportagem com o título Entre o céu e o inferno, cuja ilustração é paradigmática. Na página que trazia as opiniões de autoridades ligadas à Segurança Pública e pesquisadores, um desenho de uma silhueta masculina dividida em duas metades, a metade esquerda é preta e tem na mão um machado de duas faces semelhante ao símbolo do orixá Xangô, uma das divindades do panteão do Candomblé; a outra metade branca tem na mão direita uma cruz, símbolo máximo do cristianismo. Esta ilustração sintetiza as representações sociais das masculinidades branca e negra: de um lado, o homem negro, portando um símbolo que para muitos é diabólico, o responsável pela criminalidade que ameaça a sociedade e que deve ser contida a qualquer custo. Do outro, o homem branco, o portador do símbolo da paz, que vai redimir a sociedade, protegendo-a do perigo de uma criminalidade desenfreada.



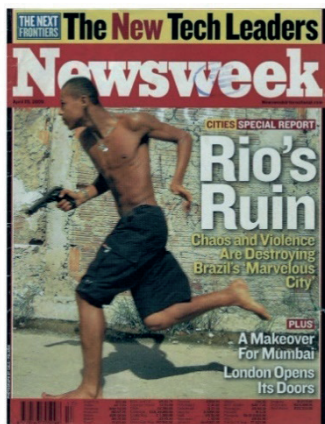
A ilustração da reportagem Entre o céu e o inferno

Sobre a desqualificação da masculinidade negra, ela se inicia na juventude, e, às vezes, até mais cedo. Homens jovens negros causam temor em especial quando estão em grupo, eles são os elementos suspeitos alvos preferenciais das blitzes policiais (Ramos, 2004). O governador Sergio Cabral, em uma entrevista, faz essa afirmativa, quando aponta o aborto como política de prevenção da criminalidade. Desse modo, nas suas palavras:

Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal.¹⁶

¹⁶ Para ver a íntegra da entrevista: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL155710-5601,00-CABRAL+DE FEN-DE+ABORTO+CONTRA+VIOLENCIA+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>

Os bairros cariocas, que segundo o governador têm padrão sueco, não por coincidência, são bairros de classe média e alta, cuja população é majoritariamente branca¹⁷, enquanto a conhecida favela carioca, que tem sua população composta na sua maioria por negros e nordestinos¹⁸ é, sintomaticamente, comparada a países africanos pobres. Evitar que os moradores da Rocinha tenham filhos, segundo o governador, é evitar que nasçam bandidos.



A caça da revista Newsweek e o agente do caos e violência do Rio de Janeiro

Os noticiários e os programas policiais são pródigos em apontar os jovens menores de 18 anos como o principal motivo para os altos índices de criminalidade nas grandes cidades do país. A prestigiosa revista norte-americana Newsweek traz na sua capa da edição de abril de 2006 o seguinte título em letras garrafais: Rio's ruin: Chaos and violence are destroying Brazil's Marvelous City (A ruína do Rio: Caos e violência estão destruindo a Cidade Maravilhosa do Brasil). Para que não haja dúvida de quem é o agente deste caos e destruição, há uma foto onde vemos um rapaz negro sem camisa correndo descalço com uma pistola na mão. Para a revista, o motivo do “caos” e “ruína” da cidade não é a corrupção, a violência policial, muito menos a impunidade, mas os meninos e rapazes negros que vivem em bairros periféricos ou em favelas.

Sobre a reportagem, há um consenso, compartilhado por jornalistas e autoridades como o governador do estado do Rio de Janeiro e pessoas comuns, que seria a diminuição da menoridade penal para 16 anos, pois, para eles, os jovens pobres são os responsáveis pelo aumento da criminalidade que assola os grandes centros urbanos. Refletindo essa opinião, o periódico Manchete do Diário do Vale do dia 13 de outubro de 2011, da cidade de Angra dos Reis, no Sul Fluminense, traz a seguinte reportagem: Menor é preso por tráfico e, embora a reportagem não descreva a cor dos jovens, nem da vítima, a ilustração não deixa dúvida quanto a cor da vítimas e dos assaltantes. A vítima é branca, o assaltante maior é branco e o mais perigoso, o que ainda é menor, é negro. Veja abaixo a ilustração:

17 Instituto Pereira Passos - Bairros Cariocas - Armazém de Dados - Portal Geo Rio.

18 Idem.



Manchete do Diário do Vale: é menor é preso por tráfico.

Na manchete do jornal, existe uma opinião, carregada da ideologia propagada há mais de três séculos, compartilhada e difundida por veículos de comunicação em vários pontos do país. Ainda sobre essa corrente ideológica, O Jornal da Cidade, da cidade de Lago da Prata, em Minas Gerais trouxe, no dia 26 de julho de 2013 a seguinte manchete: Menores são presos na zona rural em veículo usado para traficar drogas. Se, na reportagem não há nenhuma descrição da cor dos rapazes presos, a ilustração “esclarece”: o menino é negro. Mais uma vez, temos o contraste da ordem e o caos nas cores do garoto preso e o policial que efetua a prisão.



Jornal da Cidade: Menores são presos na zona rural em veículo usado para traficar drogas.

Para a manutenção do prestígio conferido pela masculinidade hegemônica ocidental, os homens brancos elaboram estratégias para a manutenção deste lugar de poder. Estas estratégias têm como função principal a subordinação de todos aqueles

e aquelas que, segundo seus critérios, se afastam deste ideal: as mulheres; homens homossexuais; negros, indígenas; pessoas com deficiência etc. O entrecruzamento destas variáveis afasta mais ainda um sujeito deste ideal: uma mulher homossexual está mais distante, por exemplo, que um homem também homossexual, pois mesmo homossexual, a masculinidade de alguma forma possibilita a aproximação do ideal hegemônico, basta que vejamos a invisibilidade com que a homossexualidade feminina é relegada, se comparada à masculina, para percebemos o quanto as mulheres estão distantes desse ideal; um homem com deficiência e assim por diante, entretanto, nada afasta mais deste ideal do que a variável *raça*.

Como vimos, em países que tiveram a experiência colonial, os africanos e seus descendentes são os antípodas dos padrões de masculinidade ideal que se criou no Ocidente. Eles são os principais adversários na disputa pela manutenção do prestígio conferido pela masculinidade. Eles são vistos como reais ameaças, uma ameaça ao seu lugar de poder. Os vários mitos criados pelo Ocidente, os homens africanos e sua sexualidade, em especial sobre o seu pênis, fez destes homens o pesadelo para o ideal hegemônico: “Eles são genitais. (...) Vamos ficar atentos. Tomar cuidado senão eles nos inundarão com pequenos mestiços” (Fanon, 2008:138). Para se prevenir desta ameaça, cada sociedade criou seus próprios mecanismos que, embora tivessem suas variações, tinham e mantinham a violência física e simbólica como mecanismo para manter os homens negros em posição subordinada.

Se antes havia os linchamentos, enforcamentos e castrações para tentar manter os homens negros afastados, tanto das mulheres quanto da disputa pelo poder, e algumas destas práticas eram ilegais ou pela menos “paralegais”, hoje temos mecanismos legais, formais que fazem este papel, embora – nunca é demais lembrar – as outras formas ainda estão vigentes. Basta que vejamos quem são as vítimas dos autos de resistência para nos lembrarmos de que estas práticas estão aí. Além dos aparatos repressivos para a manutenção do poder, há outros meios mais sutis, pois seria impossível a manutenção da hegemonia somente com a violência direta, como nos ensinou Maquiavel, já no século XVI. Há que se criar outros meios e compensações para que os grupos oprimidos não só tenham a sensação de que suas escolhas são livres e que o dominador seja o seu referencial, seu ideal, isto possibilita a pax romana; entretanto, se estes mecanismos falharem, o porrete sempre estará ao alcance das mãos para que as coisas *voltem para o seu lugar*.

Assim, foram criadas as várias representações sobre a masculinidade negra para que estas coisas fiquem no lugar, que a ordem não seja ameaçada. Para que os homens negros sejam o bicho-papão que assuste, não só assuste as crianças, mas que mantenham as mulheres afastadas deles, assim como eles também se mantenham afastados da disputa pelo poder, entretanto, assim como as mulheres e os gays, os descendentes de africanos têm oferecido resistência, denunciando a ilegitimidade deste poder que se quer hegemônico e sem contestação.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGHI, Suzana. Tendências demográficas, dos domicílios e das famílias no Brasil. Artigo publicado no dia 25/08/2012 em **Aparte Inclusão Social em Debate**. Disponível em

AZEVEDO, Aloísio. **O Cortiço**. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket, 2011.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: O negro no imaginário das elites século XIX. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray e BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (org.). **Psicologia Social do Racismo**: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petropolis: Vozes, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOCAYUVA, Helena. **Erotismo à brasileira**. O excesso sexual na obra de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Garamound, 2001.

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça, **Caderno Pagu**, Junho 2004, n. 22, p. 247-290.

CARVALHO, José Jorge de. Images of Black Man in Brazilian Popular Culture. **Série Antropologia**, n. 201, Brasília, 1996.

CARVALHO, Sheila Abadia Rocha; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Raça e Gênero na Formação da Nação Brasileira. **Anais...** 16º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas. 2007.

CONNELL, [Raewyn] Robert. **Masculinities**. Berkeley, CA: University of California Press. 1995.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FRIEDMAN, David M. **Uma Mente Própria**. A história cultural do pênis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

GILMAN, Sander. **Freud, Raça e Sexos**. São Paulo: Imago, 1994.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: Instituto de Pós-Graduação de Antropologia Social da UFRS, a. 4, n. 9, p.103-117, 1998.

LIRA, M. M. T. A.; Drummond, M. Jr. Anos potenciais de vida perdidos no Brasil em 1980 e 1997. **Estudos Epidemiológicos**. Brasília (DF): Fundação Nacional de Saúde, 2000, p. 9-25.

MOURTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**: afetivo-sexuais. Campinas: Unesp, 2004

RAMOS, Sílvia e Leonarda Musumeci. Elemento suspeito: abordagem policial e discriminação na Cidade do Rio de Janeiro. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania. **Boletim segurança e cidadania**. a. 03, n. 08, dezembro de 2004.

SEGAL Lynne. **Slow Motion**: Changing Masculinities, Changing Men. London: Virago Press; New Jersey: Rutgers University Press, 1990.

SKIDMORE, Tomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

STAPLES, Robert. **Black Masculinity**: The Black Male's Role in American Society .

SOUZA, Rolf Malungo. **O lazer agonístico**: Como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano. XXX 2010 .

SOUZA, Rolf Malungo. As representações subalternas dos homens suburbanos. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. (org.). **150 anos Subúrbio Carioca**. Rio de Janeiro: Eduff, 2010.

SOUZA, Rolf Malungo. As representações do homem negro e suas conseqüências. **Revista Forum Identidades**. a. 3, v. 6, jul-dez de 2009.

SOUZA, Rolf Malungo. **A confraria da esquina**. O que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

WASELFISZ, Julio. **Mapa da Violência 2013**. Homicídios e Juventude no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americano (Cebela) e Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso), 2013.